

ARTIGO

**MULHERES QUE FAZEM SABÃO CASEIRO: UMA ANÁLISE FEMINISTA
DE DISCURSO**

(Women who make homemade soap: a feminist discourse analysis)

(Mujeres que hacen jabón casero: un análisis feminista de discurso)

Lúcia Freitas ¹

(Universidade Estadual de Goiás)

Vanessa Correia²

(Universidade Estadual de Goiás)

Recebido em: junho de 2020

Aceito em: abril de 2021

DOI: 10.26512/les.v22i2.31932

¹ Lúcia Gonçalves de Freitas é doutorada em Linguística pela Universidade de Brasília (UnB), professora da Universidade Estadual de Goiás (UEG) e professora do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologia da mesma instituição. E-mail: luciadefreitas@hotmail.com

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Educação Linguagem e Tecnologia –PPG-IELT, da Universidade Estadual de Goiás. E-mail: vanessa.correia.8@hotmail.com

RESUMO

Construímos uma análise de discurso com perspectiva feminista sobre narrativas de duas mulheres que produzem sabão caseiro em Goiás. Tendo como base uma revisão bibliográfica sobre Análise Feminista de Discurso e uma compilação dos estudos de Michelle Lazar, investigamos de que forma a prática de fazer sabão em casa se localiza entre a tradição e a resistência. Assim, apresentamos o caminho que a Análise de Discurso Crítica (ADC) e os Estudos feministas têm tomado recente, especialmente na América Latina, e o modo como essa perspectiva influencia as condições de existência das relações de gênero na sociedade.

Palavras-chave: *Discurso. Análise Feminista do Discurso. Gênero. Feminismo. Sabão caseiro.*

ABSTRACT

We constructed a discourse analysis with a feminist perspective about the narratives of two women who produce homemade soap in Goiás. Based on a bibliographic review about Feminist Discourse Analysis and about a compilation of Michelle Lazar's studies, we investigate how the practice of making soap at home is located between tradition and resistance. Thus, we present the path that Critical Discourse Analysis (CDA) and Feminist Studies have taken recently, especially in Latin America, and how this perspective influences the conditions of existence of gender relations in society.

Keywords: *Discourse. Feminist Discourse Analysis. Gender. Feminism. Homemade soap.*

RESUMEN

Construimos un análisis del discurso con una perspectiva feminista sobre las narrativas de dos mujeres que producen jabón casero en Goiás. Sobre la base de una revisión bibliográfica sobre Análisis Feminista del Discurso y una compilación de los estudios de Michelle Lazar, investigamos de qué forma la práctica de hacer jabón en casa se localiza entre la tradición y la resistencia. Por lo tanto, presentamos el camino que el Análisis Crítico del Discurso (ACD) y los Estudios feministas han tomado recientemente, especialmente en América Latina, y el modo como esa perspectiva influye en las condiciones de existencia de las relaciones de género en la sociedad.

Palabras clave: *Discurso. Análisis Feminista del Discurso. Género. Feminismo. Jabón casero.*

INTRODUÇÃO

Os Estudos do Discurso são um campo bastante heterogêneo e influenciado por uma ampla gama de disciplinas que, além da linguística, incluem antropologia, psicologia social, filosofia, estudos culturais, estudos de gênero e feminismo e outros mais. Com relação ao último, especificamente, o enlace alimenta correntes variadas de estudos discursivos com perspectiva feminista que se assumem como tal já no rótulo: Análise da Conversa Feminista (KITZINGER, 2000), Estilística Feminista (MILLS, 1995), Pragmática Feminista (CHRISTIE, 2000), Análise de Discurso Feminista Pós-Estruturalista (BAXTER, 2008), Análise Crítica Feminista de Discurso (LAZAR, 2005, 2007) dentre outros. Como se vê, a lista de correntes de estudos de discurso com perspectiva feminista não é restrita.

De modo geral, esses estudos promovem uma reapropriação das ferramentas teóricas e analíticas de correntes canônicas de estudos discursivos, orientados aos propósitos feministas de denunciar, desconstruir e superar os códigos da linguagem que naturalizam e perpetuam sistemas sexistas (BUCHOLTZ, 2014). A reapropriação é uma prática feminista que, como observou Audre

Lorde (2007) visa subverter o poder que exercem as dinâmicas do patriarcado, das quais a ciência também está investida. Nesse sentido, os estudos de linguagem de viés feminista buscam reapropriar-se do conhecimento já instituído no campo da Linguística Aplicada, para empreender mudanças de paradigmas dentro desse mesmo campo (FREITAS e MENDES, 2019).

No presente artigo, propomos um exercício de análise de discurso com perspectiva feminista sobre narrativas de duas mulheres³ a respeito da prática de fazer sabão em casa. Essa é uma atividade introduzida no Brasil nos tempos da Colônia e que permanece ainda viva em algumas regiões do país, em plena era dita “moderna”. A uma primeira vista, pareceu-nos curioso o engajamento na feitura de sabão em casa, quando o mercado oferece uma gama incontável desse produto dos mais diversos tipos. Afinal, por que algumas mulheres preferem elas mesmas fazer sabão quando é tão fácil e relativamente barato comprar? Sob um olhar mais atento, outras questões vão surgindo. Se, por um lado, a prática parece ligada à submissão das mulheres aos tradicionais papéis femininos de trabalho doméstico e cuidado; por outro lado, fazer sabão em casa contraria toda uma lógica hegemônica de mercado, de consumo e até de lazer das sociedades modernizadas. Nossas análises voltam-se, assim, para a perspectiva de compreender e discutir as ambivalências entre sujeição e, ao mesmo tempo, resistência das mulheres a essas dinâmicas que, em última instância, estão ligadas a estruturas mais amplas de poder, como patriarcado e capitalismo.

Ao empreendermos uma análise de discurso com perspectiva feminista sobre essa temática, retomamos sucintamente neste texto o trabalho de Michelle Lazar (2005, 2007). Em seu artigo *Feminist Critical Discourse Analysis: Articulating a Feminist Discourse Praxis* (2007), a autora assume o pioneirismo em criar um vínculo entre Análise de Discurso Crítica (ADC) e Teoria Feminista. Na mesma linha da ADC, vertente na qual nos inserimos como pesquisadoras, Michele Lazar se dedica a compreender como funcionam o poder e a ideologia nos discursos que sustentam certas ordens sociais, focando as hierarquias e relações de gênero nessas mesmas ordens com uma visão feminista crítica.

A recapitulação que fazemos do trabalho dessa autora cumpre uma necessidade de prover referencial traduzido sobre análises feministas de discurso, uma vez que no Brasil ainda são relativamente parcas as publicações com esta especificidade. Ao mesmo tempo, para além de

³ As falas dessas mulheres foram geradas em entrevistas para um projeto de extensão realizado por uma parceria entre os cursos de Pedagogia e Cinema e Audiovisual da Universidade Estadual de Goiás - UEG, “Mulheres que fazem sabão caseiro: receitas, performances e narrativas”. Tal projeto, efetivado entre os anos de 2018 e 2019, filmou cinco mulheres que moravam nas imediações da cidade de Goiânia, explicando como e porque fazem sabão caseiro. O intuito era o de produzir material audiovisual com caráter educativo, para suporte pedagógico e, ao mesmo tempo, como registro de práticas e saberes populares locais para preservação e divulgação de patrimônio cultural. A ação extensionista também se ligava a atividades de pesquisa do projeto “Análises Feministas de Discurso: da formação do campo à aplicação localizada”, coordenado pela Professora Lúcia Freitas do Programa de Pós-Graduação em Educação, Linguagem e Tecnologia, também da UEG.

synthesize the main presuppositions of the work of this author, published more than a decade ago, we also bring to the text some considerations about the paths that ADC and Feminist Studies have taken more recently, especially in the context of Latin America. This framework is outlined in this article starting from the three first topics that follow immediately after this introduction. In the sequence, we present a section about the project that generated the speeches that we analyze here. These analyses are exposed in two sections, in which we describe the discourse of two women about the practice of making soap and discuss questions about tradition and resistance. Finally, we present some general considerations.

1. SOBRE A RELAÇÃO ENTRE ADC, FEMINISMO E O TRABALHO DE MICHELE LAZAR

Critical Discourse Analysis (ADC) can be understood as a branch of discourse studies whose fundamental interest consists in investigating critically how social inequality is expressed, signaled, constituted and legitimized in discourse. Considering beyond the text (oral or written), the subject and the context in which it is inserted, ADC seeks to identify the discourse as a vehicle of ideological domination and power (WODAK, 2004). Thus, ADC has as its main point a critical perspective on the way in which social arrangements are sustained by the use of language, with a view to transformation and social emancipation (LAZAR, 2005).

From this main objective, it was natural that there should be studies in this field of knowledge with critical discursive studies on themes of gender and sexuality. Gender functions as one of the categories that allows members of a community to understand and structure their social practices and the same is part of all relationships and social activities. Thus, it is natural that we observe social practices marked by gender (LAZAR, 2005). It is important to study how relations of power and a hierarchical social order, based on differences of gender, are (re)produced and sustained through discourse.

As exposed by Mary Bucholtz (2014) in *The Feminist Foundations of Language, Gender, and Sexuality Research*, the work of Michelle Lazar is a version explicitly feminist of Critical Discourse Analysis that has been extremely influential. In the article *Feminist Critical Discourse Analysis: Articulating a Feminist Discourse Praxis*, Michelle Lazar (2007) justifies the relevance of defining a feminist perspective, besides proposing five fundamental principles for a feminist discursive praxis.

The author clarifies that the interest of her work is not only a deconstruction of academic texts and speech in itself, but also the concern with the transformative effects that the questions treated can generate for determined groups of men and women. By joining ADC and Feminist Studies and proposing a feminist critical analysis of discourse, Lazar aims at a comprehension

do modo como poder e ideologia atuam dentro do discurso para sustentar os arranjos sociais de gênero.

Para Bucholtz (2014), o feminismo deve ser conceituado como sendo um conjunto diversificado e por vezes conflituoso de perspectivas teóricas, metodológicas e políticas que têm em comum o compromisso de compreender e desafiar as desigualdades sociais relacionadas ao gênero e à sexualidade. Em contrapartida, a Análise de Discurso Crítica, que busca revestir-se de uma prática social transformadora da sociedade, funciona como um estudo de oposição às estruturas e às estratégias do discurso das elites. Esta tem se apresentado como um instrumento teórico para a análise das práticas discursivas que constroem as várias ordens sociais vigentes e como uma forma de investigação das formações discursivas que engendram as relações de poder, as representações e identidades sociais e os sistemas de conhecimento e crença (MELO, 2009). Dessa forma, Michelle Lazar direciona o foco à questão da nomenclatura, preocupando-se em estabelecer a importância e o significado de se implementar o rótulo feminista à ADC, assim como a relevância, para o movimento do feminismo, de se estudar criticamente o discurso sob um viés feminista.

A autora esclarece que a motivação para se explicitar um rótulo feminista da ADC é, primeiramente, o fato de que grande parte dos estudos dessa área com enfoque de gênero já adotam uma visão crítica das relações de gênero, tendo em vista a necessidade de transformar as condições de existência dessas relações. Em segundo lugar, destaca-se a importância de se basear em princípios feministas, ao teorizar e analisar a natureza aparentemente inofensiva e opressora do gênero em uma série de práticas sociais. Por último, observa-se a circunstância em que a ausência de auto nomeação desses estudos acaba por representar uma série de analistas feministas críticas do discurso espalhadas ao redor do globo que não possuem organização suficiente para se unirem em um fórum comum.

Ao explicar o significado da ADC para o movimento feminista, Lazar parte da teorização pós-estruturalista que oferece uma visão criticamente útil do discurso como um local de luta onde as forças de (re)produção e contestação social são executadas. A autora mostra que a ADC representa uma contribuição oportuna para o crescente corpo de literatura de discurso feminista, funcionando como uma perspectiva política de gênero preocupada em desmistificar as inter-relações de gênero, poder e ideologia no discurso.

2. MICHELE LAZAR E A PRÁXIS FEMINISTA NOS ESTUDOS DISCURSIVOS

Os aspectos mencionados anteriormente, relacionados à terminologia, explicitam a importância da junção da Análise de Discurso Crítica e dos Estudos Feministas, visando a articulação de uma práxis discursiva feminista. Com base nisso, Michelle Lazar estabelece uma série de cinco princípios primordiais e inter-relacionados dos estudos feministas críticos de discurso. Tais princípios

(que serão melhor explicados adiante) são: ativismo analítico feminista, gênero como estrutura ideológica, complexidade de gênero e relações de poder, discurso na (des)construção do gênero e reflexividade crítica como práxis.

Na ADC, a perspectiva feminista lembra que uma série de práticas sociais são marcadas pelo gênero. Dessa forma, a preocupação central das analistas feministas críticas do discurso é criticar os discursos que sustentam uma ordem social patriarcal e, em última análise, efetuar a transformação social. Ao tratar do ativismo analítico feminista, a autora esclarece novamente que falar da posição de uma “mulher” não é o mesmo que falar da perspectiva política de uma feminista, já que esta última sugere uma distância crítica sobre o gênero e sobre si mesma. Assim, destaca-se que a pesquisa orientada para a práxis crítica não pode e não pretende adotar uma postura neutra, enquanto sugere-se que o trabalho empreendido pelas feministas críticas acadêmicas — através de sua teorização e análise de práticas discursivas de gênero — deve ser visto como ativismo acadêmico.

De uma perspectiva feminista, a concepção predominante de gênero é entendida como estrutura ideológica que divide as pessoas em duas classes, homens e mulheres, com base em uma relação hierárquica de dominação e subordinação, respectivamente (LAZAR, 2007). A ideologia de gênero patriarcal é estrutural, ou seja, é encenada e renovada nas instituições e práticas sociais de uma sociedade. Sendo assim, a perpetuação, muitas vezes sutil, das relações de domínio com base no gênero são, em grande parte, realizadas através do meio discursivo onde pressupostos ideológicos são constantemente reencenados e difundidos pelo discurso como senso comum e natural.

Também é importante, segundo Michelle Lazar, buscar entender a complexidade do gênero e das relações de poder, visto que a estrutura do gênero — e a assimetria de poder que isso implica — tem se mantido persistente ao longo do tempo. O poder moderno é consideravelmente discursivo por natureza e muito eficaz, pois se baseia em uma internalização de normas de gênero, atuando nos textos e na fala da vida cotidiana. Isso faz com que este seja um poder invisível, “não reconhecido” como tal, e “reconhecido” como bastante legítimo e natural (BOURDIEU, 1991, apud LAZAR, 2007, p. 148). Logo, o papel da ADC feminista é examinar como poder e dominância são produzidos discursivamente e/ou resistem de várias formas por meio de representações textuais. Isso é feito a partir da proposição de uma perspectiva implicitamente comparativa, ou seja, uma perspectiva que considera o fato de que a opressão de gênero não é materialmente experimentada nem discursivamente promulgada da mesma forma para todas as mulheres em todos os lugares.

O discurso é parte essencial do processo de desconstrução do gênero, já que todo ato de construção de significado através da linguagem (falada e escrita) contribui para a reprodução e manutenção da ordem social, além de colaborar no sentido de transformar essa ordem e resistir. Aqui, a principal questão é que a realização contínua, interativa e ativa de gênero no discurso sugere que as

peças, através do seu comportamento linguístico (e não linguístico), produzem identidades como “mulheres” e “homens” sem refletir a respeito delas e, dessa forma, essas identidades produzidas são frequentemente vistas como naturais e inerentes.

Por último, entre os princípios fundamentais dos estudos feministas críticos de discurso, a autora menciona a reflexividade crítica como práxis. Segundo Lazar (2007), um foco crítico na reflexividade — que pode ser entendida como a característica de o indivíduo utilizar o conhecimento sobre processos e práticas sociais para delinear suas próprias práticas posteriores — deve ser uma faceta importante na prática de ADC feminista. A reflexividade das instituições, por exemplo, é de grande interesse para esse campo de pesquisa, já que a conscientização pode se refletir em mudanças reais dentro de algumas organizações. Sobre esse aspecto, a autora demonstra a importância de esclarecer o que se deve entender a partir do uso do termo “emancipação” em suas obras: para as analistas feministas do discurso crítico, o objetivo final é uma transformação social radical, baseada na justiça social, que abra possibilidades irrestritas para mulheres e homens como seres humanos; “uma crítica discursiva das estruturas restritivas predominantes é um passo nessa direção” (LAZAR, 2007, p. 153).

3. EM DEFESA DA AMPLIAÇÃO DO CAMPO DAS ANÁLISES FEMINISTAS DE DISCURSO

Mais de uma década após a publicação de “Feminist Critical Discourse Analysis: Articulating a Feminist Discourse Praxis”, um grande número de trabalhos acadêmicos articulados pela aliança proposta pela autora entre Análise Crítica de Discurso e Feminismo podem ser computados atualmente. Não obstante, o termo feminista que Lazar adotou, segundo Mary Bucholtz (2014), leva em conta noções liberais clássicas de igualdade e liberdade que são questionadas a partir de outras correntes feministas. Ao mesmo tempo, a própria ADC, corrente que se expandiu enormemente nas últimas décadas, especialmente na América Latina, é alvo de reivindicações por teorizações que promovam uma gradual independência do seu eixo original, a Europa.

Pesquisadoras latino-americanas, como Viviane Resende (2018), advoga o estabelecimento de uma ADC sob uma perspectiva que atenda às necessidades específicas do uso da linguagem por pessoas que vivem na América Latina. Nesse sentido, ela sugere que os elementos já propostos por autores como Fairclough, sejam agregados a outras categorias para abarcar as questões de gênero, sexualidade, raça e etnia e os discursos de suas respectivas práticas sociais. A autora também aponta para a necessidade de se implementar práticas de escuta, ou de se “trazer a voz” da diversidade para a ADC. Não se trata de “dar voz”, uma expressão que denota certa presunção acadêmica, mas trata-se de empreender a escuta de grupos a quem o poder de fala sempre foi restrito e, especialmente, de se dialogar sobre diferentes compreensões de mundo.

Esse raciocínio tem um paralelo importante com as teorias de lugar de fala vindas do feminismo negro, como defendidas pelas autoras Djamila Ribeiro (2018) e Lélia Gonzales (1994), e teorias interseccionais, como propostas por Crenshaw (2002), em que as identidades sociais têm papel crucial na composição das práticas sociais e dos elementos que compõem o discurso.

A interseccionalidade é uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. Além disso, a interseccionalidade trata da forma como ações e políticas específicas geram opressões que fluem ao longo de tais eixos, constituindo aspectos dinâmicos ou ativos do desempoderamento. (CRENSHAW, 2002. p. 177)

Diante desse quadro, vê-se que as propostas de reformulação que urgem no campo da ADC nas pesquisas latino-americanas demandam inexoravelmente uma aproximação com os estudos feministas. É o que fazemos neste trabalho, no qual propomos uma reapropriação e recriação (LORDE, 2007) de pressupostos da ADC, aliando a perspectiva feminista de desafiar sistemas de conhecimento sexistas. Assim, adotamos, aqui, o rótulo Análise Feminista de Discurso tanto pela busca de uma auto identificação que atenda ao imperativo de autonomia das analistas de discurso críticas latinas frente às epistemologias ocidentais, como pelo potencial de abrigar, sob uma mesma nomeação, diferentes formas de análises discursivas unidas por empenhos feministas.

Nesse empreendimento, ressaltamos que estabelecer o rótulo feminista na área dos estudos discursivos é uma questão de visibilidade, já que o falar não se restringe ao ato de emitir palavras, mas de poder existir (RIBEIRO, 2018). Assim, é importante reivindicar que as vozes de grupos que — devido a condições sociais e a uma estrutura de hierarquização social — são estruturalmente silenciados sejam ouvidas. Ressaltando que

isso, de forma alguma, significa que esses grupos não criam ferramentas para enfrentar esses silêncios institucionais, ao contrário, existem várias formas de organização políticas, culturais e intelectuais. A questão é que essas condições sociais dificultam a visibilidade e legitimidade dessas produções. (RIBEIRO, 2018. p. 53)

Diante do que propõe essa autora, nossa análise sobre o discurso de mulheres que fazem sabão caseiro traz para a academia vozes e saberes de mulheres que empreendem uma prática doméstica tradicional no contexto do centro-oeste goiano, mas que tem passado ao largo do olhar acadêmico e da sociedade de um modo geral. Nas falas dessas mulheres, trilhamos as estruturas hierarquizadas de poder que perpassam condições de gênero/classe/raça/geração para discutir a extensão em que seu discurso revela identidades femininas submissas e/ou resistentes a essas mesmas

estruturas. Nossa iniciativa busca, pela pesquisa acadêmica, fomentar as discussões para a realização do objetivo mais radical, pessoal e coletivo do feminismo, que é o de lutar por um mundo que seja “um lugar melhor não apenas para algumas mulheres, mas para todas as mulheres.” (SEGAL, 1999, apud LAZAR, 2007, p. 154-155).

4. O PROJETO DE EXTENSÃO “MULHERES QUE FAZEM SABÃO CASEIRO: RECEITAS, PERFORMANCES E NARRATIVAS”

As falas das duas mulheres que trazemos para este texto foram geradas em entrevistas durante as filmagens de um minidocumentário para o projeto de extensão “Mulheres que fazem sabão caseiro: receitas, performances e narrativas”. Este projeto— realizado durante o ano de 2018, numa cooperação entre o Curso de Pedagogia do Campus da UEG Jaraguá e o Curso de Cinema e Áudio Visual do Campus de Laranjeiras — teve como objetivo filmar em diversas localidades goianas mulheres ensinando como fazem sabão caseiro a partir de receitas que regularmente são compartilhadas entre elas. Tal projeto foi elaborado com o interesse principal de produzir material audiovisual com caráter educativo que servisse a suportes pedagógicos e, ao mesmo tempo, funcionasse como registro de práticas e saberes populares locais para preservação e divulgação de patrimônio cultural. Porém, mais do que receitas, ao longo das entrevistas podemos ver mulheres dividindo os caminhos que percorreram ao longo dos anos e o modo como a prática de produzir sabão caseiro se entrelaça em diversos pontos com suas trajetórias pessoais de vida.

O projeto gerou vários vídeos, onde constam entrevistas feitas com cinco mulheres falando sobre suas receitas e vidas. Para este artigo, escolhemos duas dessas mulheres, Narcisa e Domingas, que nos autorizaram a divulgar seus nomes e narrativas. Nossa escolha se deveu a certas características do discurso de cada uma dessas mulheres que nos chamou atenção. A fala de Domingas se destaca por tratar a prática de produzir sabão caseiro com um viés mais sentimental e como uma espécie de herança familiar. Ao passo em que a narrativa de Narcisa se destaca por sua consciência ambiental diante da prática em questão.

Dois gêneros textuais primordialmente suportam o discurso que analisamos aqui: entrevista e receita. A entrevista, gênero que compreende a narrativa a ser analisada como um todo — considerando tanto o texto que é gerado, quanto as imagens às quais se tem acesso —, em um sentido mais amplo, pode ser compreendida como uma técnica de interação social que serve à pluralização de vozes e à distribuição democrática de informação (MEDINA, 1990). Em conformidade com a Medina (1990), aqui compreenderemos o gênero entrevista como um instrumento da comunicação humana, onde as relações interpessoais são construídas a partir do discurso.

Já a receita, que nesse caso surge dentro do gênero entrevista, deve deixar de ser vista apenas sob a ótica simples da definição dicionarizada que é de conhecimento comum e implica, mesmo que inconscientemente, uma visão modesta do gênero. Para além dessa visão limitada, sobre a receita devem ser observadas suas possíveis finalidades acadêmicas já que

[...] ela também pode ser vista como uma forma de texto que é "localmente situada" como uma comunidade prática, e como um texto que incorpora as relações linguísticas e implica nessas relações um certo número de pressupostos e práticas culturais. (COTTER, 1997, p. 53)

Assim, é de suma importância se atentar à forma como as receitas de sabão caseiro que essas mulheres vêm transmitindo umas às outras, ao longo do tempo, refletem aspectos sobre a língua, a história de uma comunidade como um todo e suas identidades em particular. Observar esse gênero textual com viés acadêmico amplia nossas possibilidades de compreender a questão da mulher em nosso contexto social, visto que “a receita oferece uma rica oportunidade para examinar a interseção da linguagem e das relações sociais” (BOWER, 1997).

Além disso, pretende-se observar em que sentido a prática de produzir sabão caseiro pode ser entendida como um meio de manutenção de (ou seria de resistência a?) um mercado de consumo e de uma estrutura social que subjuga mulheres. Tomando esta como uma prática de trabalho doméstico, há ainda a intenção de analisar como se dá o condicionamento dessas mulheres à ação de produzir sabão caseiro e até que ponto existe, por trás disso, de fato uma possibilidade de escolha.

As entrevistas são consideradas, aqui, como eventos de fala e são analisadas, seguindo-se uma direcionalidade proposta por Bolívar (2010), de se pensar nos textos como objetos de estudo, sem perder de vista as pessoas que os criam, e as circunstâncias que levam à sua produção e circulação. Para a autora, a observação das pessoas que interagem nas dinâmicas sociais devem preceder as análises dos textos, que são criados em interação e é nesse nível que as decisões são tomadas. Com esse norte, Bolívar (2010) propõe um novo insight sobre a perspectiva dialógica para que possamos descrever melhor os textos e também explicar como as pessoas, especialmente nas comunidades menores, sentem-se a partir de suas próprias perspectivas culturais, e como participam dos eventos que contribuem para a criação de novos conhecimentos e realidades.

5. ANÁLISE DA ENTREVISTA DE NARCISA

No vídeo da entrevista, conhecemos Narcisa, mulher de 44 anos, de pele branca e cabelos cacheados avermelhados, que está sentada no sofá da sala do apartamento onde mora. Narcisa usa óculos de grau e uma blusa tipo regata preta simples. Nascida em Piracanjuba, município situado a 87 km de Goiânia, ela conta que mora na capital há 27 anos e tem o hábito de produzir sabão caseiro

há, em média, 20 anos, desde que se casou. Enquanto discorre a respeito de sua vida pessoal e sobre sua relação com as receitas de sabão, Narcisa conta com a companhia do filho Nicolas, de 6 anos de idade. Em certo ponto da conversa, a entrevistadora pergunta a Nicolas se ele gosta de ver a mãe fazer sabão caseiro, ele então responde positivamente e ainda comenta que pretende fazer o mesmo “quando crescer”.

A influência que a prática da mãe exerce no filho desde tão tenra idade denota não apenas o ato de produção de um bem material, mas também a transmissão de saberes e de uma cultura próprios de um determinado núcleo familiar e, conseqüentemente, de uma comunidade. Nesse sentido, pode-se dizer que o mesmo sentimento que parece despertar o interesse de Nicolas ante a prática de fazer sabão também cativou Narcisa desde muito cedo, visto que ela alega ter aprendido com sua mãe, motivada pelo gosto que sempre teve por processos de reciclagem: *“Eu toda vida gostei de reciclar coisas. E aprendi a fazer sabão com minha mãe, minha mãe tinha o costume de fazer aprendi com ela e continuei fazendo”*. Mesmo com a passagem do tempo entre a época de juventude, quando Narcisa começou a fazer o sabão, e os dias atuais, ela esclarece que a receita não sofreu com os efeitos grandes mudanças: *“aprendi com minha mãe, ela também fazia, é a mesma receita até hoje, não mudou”*.

Diante da manutenção de uma receita e, por conseguinte, de uma tradição nota-se a oposição de ideias e ações ao observar uma fala de Narcisa onde ela relata o uso que costuma fazer do sabão em seu dia a dia: *“Ele é muito bom pra tirar gordura, pra ariar alumínio. E pra complementar eu uso detergente pra lavar copo essas coisas, eu gosto mais do detergente”*. Ela reforça o gosto pelo sabão caseiro e ressalta sua efetividade ao arear panelas, uma prática não tão comum atualmente que consiste no polimento (e não apenas na limpeza) de utensílios de metal, a fim de torná-los brilhosos. Ao passo em que o ato de arear panelas representa a manutenção de uma tradição, o próprio uso do termo em questão ressalta a existência de um processo de modernização, já que o método de polimento antigamente consistia em esfregar as panelas com água e areia (daí o termo), enquanto que nos dias atuais o mesmo processo é feito utilizando palha de aço.

Também são percebidos aspectos interessantes em outra fala de Narcisa sobre sua relação com o uso do sabão. Ela diz: *“Eu não compro sabão de quadro, eu compro detergente, mas às vezes eu faço o líquido também, mas eu gosto mais de quadro”*. A expressão sabão “de quadro” é utilizada para se referir ao sabão em barra utilizado em atividades domésticas e tem sua presença notada principalmente no discurso de pessoas mais velhas. A expressão tem relação com o termo “sabão dicuada” ou “sabão de dicuada”, que por sua vez se refere a dicuada de cinza, processo pelo qual se produziu sabão caseiro durante muitos anos em roças ao redor do Brasil. A produção do sabão caseiro envolve basicamente uma reação química que ocorre entre um material gorduroso e uma substância

de caráter alcalino (básico). O produto dessa reação é o material que constitui o sabão. Antigamente essa substância era a dicuada de cinza, obtida a partir do tratamento das cinzas provenientes da queima de madeira em fogões a lenha. Hodiernamente, devido ao processo de modernização, a substância básica foi substituída pela soda cáustica. Narcisa explica a receita que utiliza:

Uso óleo reciclado, soda, álcool, água, só [...] esse é tudo frio, inclusive a água pra dissolver a soda é gelada pra não causar mais reação ainda, porque se você coloca água natural ela sobe um vapor bem mais... ela esquenta muito, e a reação química dela é mais forte, aí eu coloco a água gelada pra dissolver ela. Dissolvo a soda num balde, coloco o óleo coadinho na bacia, dissolvo a soda num balde com água e vou colocando a soda no óleo e vou mexendo até ele parar com aquela reação química, aí eu coloco o álcool porque aí o álcool também dá outra reação e se ele tiver muito quente aí supita, enche de espuma e derrama tudo. (Narcisa)

Enquanto, há alguns anos, as mulheres pareciam estabelecer uma visão e uma posição mais intuitiva do processo químico com o qual estavam envolvidas (assim como de suas proporções), Narcisa, apesar de não apresentar conhecimento científico sobre o processo de saponificação, menciona constantemente as reações químicas a que está sujeita durante a prática. Além disso, ela apresenta uma posição de resistência a uma indústria de produtos de limpeza vasta, acessível e em constante crescimento, resistindo dessa forma também aos padrões capitalistas de consumo construídos socialmente:

Antes eu morava em casa e era mais fácil fazer, porque aqui por conta do vapor que... da reação química da soda no apartamento é mais... tem que ligar o ventilador, abrir tudo pra poder sair, mas mesmo assim eu continuo fazendo, eu não compro sabão. Eu gosto de eu mesma fazer. (Narcisa)

Interessando-se por reciclagem de modo geral, Narcisa identificou a possibilidade de reciclar óleo usado ao fazer sabão caseiro, saber que aprendeu ainda na juventude, quando desde então sua mãe já utilizava na receita o óleo que seria descartado sem reaproveitamento. Ao falar sobre a atitude de reciclar óleo usado para fritura, Narcisa aponta sua ação individual contra o mau impacto no meio ambiente e sua articulação com a comunidade na qual está inserida, já que outras pessoas também juntam óleo usado e entregam a ela: “as pessoas que me conhecem sabem e juntam óleo pra mim também, aí todo mundo traz um pouquinho de óleo pra mim”. Narcisa reforça sua consciência ambiental, mostrando como, diferente dela, algumas pessoas lidam de forma pouco responsável com o descarte de óleo usado:

Às vezes a pessoa joga o óleo na pia, tem muita gente que tem consciência de juntar numa PET e levar lá na Saneago, que a Saneago pega né, ou levar em algum ponto, mas a maioria coloca no PET e joga no lixo. A maioria das pessoas que começaram a me dar o óleo faziam isso, ou despejam na própria pia. [...] algumas pessoas também já fazem, eu tenho várias vizinhas que também fazem. (Narcisa)

Em seguida, Narcisa comenta sobre a importância de esse processo de reciclagem colaborar para que se tenha cada vez menos óleo indo para os esgotos, contaminando a água e prejudicando estações de tratamento. Com relação ao impacto ambiental que Narcisa promove em sua comunidade, o mesmo teve início com a produção de sabão caseiro, mas se expandiu para outras áreas, visto que ela promove discussões em seu condomínio para requerer a implantação de um processo de coleta de lixo reciclável e até mesmo já conseguiu que se estabelecesse um sistema de coletas para descarte consciente de lâmpadas, pilhas e baterias. Percebe-se aqui a presença de um interdiscurso com os discursos ecológicos, de preservação do meio ambiente, discurso este que não era articulado pelas mulheres do passado, que faziam sabão por extrema necessidade, usando os recursos naturais por não disporem de outros meios.

Narcisa comenta que produz o sabão caseiro, em média, de seis em seis meses já que a produção de 40 a 50 pedaços é suficiente para a manutenção de suas atividades domésticas nesse intervalo de tempo. Entretanto, ela muitas vezes compartilha o produto final com os vizinhos e amigos que lhe dão óleo usado e também com algumas pessoas que demonstram interesse em experimentar o sabão caseiro. Como ela menciona: *“as pessoas que juntam óleo para mim geralmente eu dou um pouquinho, assim, umas três quatro pessoas que juntam, aí eu dou um pouco pra elas, mas é mais pro meu uso mesmo”*.

No que diz respeito ao compartilhamento da receita, Narcisa comenta que a transmitiu, no máximo, *“pra umas duas pessoas só. Não é muita gente que tem interesse não, acha difícil, não gosta, não gosta do cheiro, mas umas duas pessoas eu já ensinei e a pessoa faz também”*. Ao tentar — a partir de questionamentos da entrevistadora — traçar um perfil das pessoas que demonstram desinteresse pela produção de sabão caseiro, Narcisa comenta: *“a maioria são mulheres e a maioria mais ou menos da minha idade pra cima, pra mais velhas [...] Alguns nem sabem o que é isso”*. Como explica Soraia Mello (2011), a naturalização do trabalho doméstico como função feminina se insere em um grupo de ideias a respeito de relações sociais e morais que são comumente identificadas como conservadoras ou tradicionais. Desse modo, a manutenção de uma sociedade conservadora e patriarcal colabora para que os interessados nessa tradição sejam, em grande parte, mulheres. Ressaltando que a intenção aqui não é excluir as mulheres dessas atividades, mas sim questionar o porquê de homens não se verem inseridos na realização dessas práticas:

As críticas aqui apresentadas ao condicionamento das mulheres aos afazeres domésticos se preocupam, portanto, com a falta de possibilidade de escolha pessoal destas em executar ou não esse trabalho, devido imposições que ocorreriam tanto dentro dos lares como no “mundo lá fora”, em seus processos de socialização. Ao mesmo tempo, essas críticas vêm mostrar que esse trabalho, o qual é tido como corriqueiro, no sentido que pode ser feito por qualquer pessoa e principalmente por

qualquer mulher, não é um dom natural das mulheres ou parte “essencial” da feminilidade, sendo um trabalho que exige treino e qualificação, que se dá entre as meninas desde cedo. (MELLO, 2011, p. 9)

Ao discutir a motivação para esse desinteresse por parte das pessoas de modo geral pelo costume de reciclar o óleo usado e, em consequência, pela produção de sabão caseiro, Narcisa compartilha um caso ocorrido com a filha de uma vizinha. A garota de dez anos estuda numa sala com outros 26 alunos e quando a turma foi questionada se, em suas casas, o óleo utilizado era guardado para futuro reaproveitamento apenas a garota levantou a mão em resposta positiva à pergunta. Ela alegou ainda ter ficado “encabulada”, pois desde muito nova vê sua mãe fazendo o descarte correto do óleo e, para ela, isso é comum. Narcisa completa esclarecendo que seus filhos também a veem guardando o óleo e o reaproveitando desde pequenos, dessa forma a manutenção desse comportamento, na visão dela, seria uma questão de ensinamento, de se transmitir um exemplo de geração em geração:

Então eu acho que é questão de costume mesmo, de passar de família, eu vi minha mãe e meus filhos me veem. Não sei se vão colocar em prática também né, mas toda vida eu faço, eu acho que é questão de ensinar mesmo, de ver fazer e fazer também e ver que aquilo é um benefício pro meio ambiente e pra gente também porque é uma economia, porque o que eu gasto pra fazer eu fico seis meses usando o sabão e eu uso muito, então assim, eu não compro sabão, não tenho gasto com comprar sabão, e meu gasto é pouquíssimo pra fazer porque é a soda e o álcool, o resto eu pego. (Narcisa)

Nesse caso percebe-se que Narcisa realça não apenas os benefícios gerais ao meio ambiente que afetam a comunidade como um todo, mas também seus benefícios individuais de economia financeira. Sobre essa questão, Silvia Federici (2019), ao analisar a relação entre luta feminista e trabalho doméstico, observa que o trabalho das mulheres sempre teve enorme influxo na economia de um modo geral, um influxo que em muito extrapola o mero âmbito da economia familiar. Embora os diferentes recortes sociais como, classe e raça, tenham distribuído atribuições femininas de forma desigual, dispensando mulheres brancas, abastadas do maior peso da carga doméstica e sobrecarregando as mulheres dos grupos mais subalternizados, ainda assim, segundo a autora, a produção da força de trabalho que move fábricas, escolas, escritórios, minas etc. sempre contou com o trabalho oculto de milhões de mulheres. Como ela ainda reforça: “É por isso que, até hoje, tanto nos países ‘desenvolvidos’ como nos ‘subdesenvolvidos’, o trabalho doméstico e a família são os pilares da produção capitalista” (FEDERICI, 2019, p. 69).

A literatura goiana é rica em exemplos de como fazer sabão em casa, uma prática tradicionalmente feminina nesse contexto regional, remonta a uma fase da história econômico-social em que a ação e certo grau de poder das mulheres estavam associados à produção e ao controle direto de recursos vitais. Esse poder e controle estão latentes na fala de Narcisa, na medida em que ela cita

um rol de atividades domésticas com as quais se engaja e que garantem conforto e bem-estar a sua família pela higiene e zelo, além de equilíbrio econômico financeiro. Embora seja notório o papel diligente que ela toma para si na lida doméstica, curiosamente é ao seu compromisso de defesa do meio ambiente que ela atribui maior força identitária, ou seja, ela destaca sua posição comprometida com a preservação da natureza pela reciclagem.

À luz de uma abordagem feminista focada na dinâmica dos modos atuais de produção das sociedades capitalistas, de fato as perspectivas domésticas não conferem a Narcisa maior prestígio ou reconhecimento. Isso porque o trabalho que as mulheres desempenham na lida doméstica de um modo geral continua sendo subvalorizado. Em uma sociedade cada vez mais referida pelos valores do empresariado transnacional, o status de prestígio das mulheres é proporcional a nossa inserção nos espaços das grandes corporações, especialmente em posições de alto comando, como as mulheres executivas e CEOs⁴. Quanto mais distante desse padrão, menor o grau de prestígio no contexto da sociedade dita “avançada”. Não nos admira que a prática de fazer sabão, especificamente, sequer é conhecida pela maioria das pessoas.

Sem articular, portanto, um discurso que reivindique maior prestígio para as mulheres em função do valor do trabalho doméstico na economia de modo geral e na economia familiar em particular, Narcisa dá mais destaque ao seu ativismo ambiental. Reflexo, talvez, da própria dinâmica discursiva da nossa sociedade, em que a proteção do meio ambiente e da natureza tem tido um espaço de relevância na mídia não encontrado em relação aos discursos sobre a importância do trabalho doméstico das mulheres. Como ainda complementa Federici (2019), com o avanço dos modos capitalistas de produção, cozinhar, limpar, tomar conta dos filhos, até a resolução de problemas e o companheirismo foram cada vez mais “tirados de casa” e organizados de forma comercial. Nesse sentido, fazer sabão em casa acaba por se configurar como uma prática que resiste às dinâmicas hegemônicas do nosso tempo. Narcisa, portanto, resiste a tais dinâmicas, ainda que não faça disso uma bandeira política, até por não refletir criticamente sobre sua inserção na domesticidade e por não se reconhecer como parte das mulheres que lutam pela valorização do trabalho doméstico.

6. ANÁLISE DA ENTREVISTA DE DOMINGAS

No vídeo da entrevista que aqui analisaremos, conhecemos Domingas, mulher negra de 66 anos que relata com saudosismo a infância vivida no interior, mais precisamente no município de Anicuns-GO: “*Fui criada na roça... enxada, machado, colhendo milho, arroz, feijão, tudo isso eu sei*

⁴ CEO é a sigla em inglês de Chief Executive Officer (Diretor Executivo). CEO é a pessoa com maior autoridade na hierarquia operacional de uma organização.

fazer...”. As práticas aprendidas durante o período vivido na roça acompanharam Domingas quando esta, aos 15 anos de idade, mudou-se para Goiânia com os tios que lhe criaram desde os seus 10 anos, época em que perdera o pai. Viúva há 35 anos e mãe de uma filha, no vídeo Domingas está na área de sua casa, cabelos curtos e grisalhos, óculos de grau no rosto e vestimentas simples, apenas uma bermuda e uma regata, ambas de malha. Na ocasião da gravação da entrevista, Domingas está de folga do trabalho de empregada doméstica, neste, aliás, sua atuação varia conforme o modo como ela se sente no dia, já que Domingas sofre com tremores recorrentes de três grandes cirurgias, um ano de quimioterapia e dois meses de radioterapia. Aqui, convém observar como a prática de produzir o sabão caseiro pode representar uma forma de independência para Domingas, uma prática que a faz sentir-se útil e produtiva, independente das limitações com as quais ela convive, como foi relatado em um trecho da entrevista: *“Eu me sinto bem o dia que eu vou fazer, eu me sinto bem que é uma coisa que eu ainda tô dando conta de fazer”*.

Compreendendo a receita como sendo uma história que pode ser construída e compartilhada pelos membros de uma comunidade no decorrer do tempo, fica claro ao longo da entrevista o modo como as receitas de sabão caseiro representam um conhecimento transmitido de geração em geração na família de Domingas. Ela relata ter aprendido a prática com sua mãe e sua avó e, que por sua vez aprenderam, cada uma também com suas mães e avós, de modo que Domingas resgata a memória de sua taravó esse conhecimento, que ela compreende como um saber propriamente: *“É uma coisa [...] que meus avós me ensinou, minha mãe né... não tive estudo, mas tive isso...”*. Nesse contexto, percebe-se que a receita do sabão caseiro representa uma herança de saberes que atravessou o tempo, preservando-se e atualizando-se a cada nova descendência. Aqui se delinea ainda uma ligação entre a prática de produzir sabão caseiro (entendida como uma prática de trabalho doméstico) e relações familiares afetivas que, por sua vez, pode justificar o fato de muitas vezes essas mulheres parecerem estar ligadas de forma tão intrínseca a tais práticas.

Conforme citado por Cristina Carrasco (2008,) as relações de trabalho são também relações afetivas e familiares e cria-se, assim, uma espécie de elo inseparável que une mulheres e o trabalho doméstico, fazendo com que nas suas trajetórias vida e trabalho se confundam, transformando-se em uma coisa só. Essa ligação, contudo, é criticada por Federici (2019 p. 42), que demonstra que o trabalho doméstico não só tem sido imposto às mulheres, “como também foi transformado em um atributo natural da psique e da personalidade femininas, uma necessidade interna, uma aspiração, supostamente vinda das profundezas da nossa natureza feminina”. Como a autora explica, na realidade são necessários pelo menos vinte anos de socialização e treinamento diários, realizados por uma mãe não remunerada, para preparar a mulher para a domesticidade, como bem demonstram os relatos aqui analisados.

Cabe destacar o momento em que Domingas diz : “...*não tive estudo, mas tive isso*”. Nesse trecho, reverberam os ecos de uma conjuntura que combina uma época e um contexto rural em que o acesso à educação formal era dificultado e as mulheres, em geral, eram levadas a abdicar do pouco estudo que poderiam ter, em função de atividades que lhes pareciam inerentes à condição feminina, como cuidar dos filhos, da família e da casa, ocupando-se, assim, dos trabalhos domésticos de forma geral. Ademais, no caso de Domingas, a condição de classe restringiu ainda mais seu acesso à escolarização, uma vez que ela vem de uma família de poucos recursos. Embora afirme que não teve “estudo” formal, ela reconhece o conhecimento adquirido na tradição familiar e doméstica, como a prática de fazer sabão, como um capital simbólico.

Orgulhosa de seu conhecimento, Domingas explica que sabe fazer algumas variedades de sabão, mas explica que hoje faz um sabão diferente do que aprendeu no passado, quando morava na roça. Tendo em vista os grandes períodos de tempo pelos quais as receitas de sabão foram sendo repassadas e a variedade de fatores e transformações aos quais elas foram expostas, foi inevitável que os textos se modificassem e fossem, então, marcados por um processo de modernização como se percebe pela fala de Domingas:

O sabão eu sei fazer aquele de tacha que é o da roça mesmo, cê queima a palha de feijão, soca as cinza nas lata pra fazer aquele sabão preto né que a gente fala sabão preto sabão dicuada né.. então o meu aqui é o sabão mais caseiro assim mais simples, mais neutro pra fazer [...] vai só a soda, a água né, esse é que é o meu de agora. (Domingas)

Ao comparar a produção do sabão caseiro antiga, de quando ainda morava na roça, com a produção atual, Domingas ressalta com frequência que o modo como faz o sabão caseiro hoje em dia é muito mais simples e, por consequência, mais fácil que antigamente. Dessa forma, o processo de transformação e modernização se relaciona com o avanço do capitalismo e seus bens de consumo que, cada vez mais, vendem ideias de progresso, prosperidade, facilidade e melhora na qualidade de vida. Mantem-se o hábito da prática como herança cultural ao passo em que se alia a isso um uso favorável dos instrumentos e ingredientes modernos.

São seis litros de óleo, um quilo de soda aí como eu gosto de incrementar mais uma coisinha eu ponho um copo de sabão em pó né, ponho um copo de fubá que é o meu hoje [...] mais simples, que não é aquele da roça, então esse nosso da cidade é mais simples. (Domingas)

Além da transformação que a prática sofreu no decorrer do tempo, eliminando o processo da extração da soda natural, dicoada, e a incorporação de produtos industrializados, ressalta-se ainda como mudaram também as motivações que levam cada mulher a produzir seu próprio sabão para uso nas tarefas domésticas diárias. Se nos séculos passados eram as questões financeiras, de logística e de locomoção que mais pesavam — tendo em vista a grande parte da população vivendo em interiores

que nem sempre contavam com acesso rápido e barato às chamadas cidades grandes —, atualmente tem muito mais relevância as preferências particulares de quem opta por produzir e/ou utilizar o sabão caseiro, levando em consideração uma série de fatores como o hábito, a tradição, a memória afetiva, qualidade e rentabilidade do produto final, reaproveitamento de matéria prima que até então seria descartada, entre outros.

Faz se quiser né, hoje você compra tudo pronto, lá na roça não tinha como você comprar, você tinha que fazer pra você ter, ou se não você lavava a roupa com folha de cabaça, folha de mamão [...] até você ter dinheiro pra você ir na cidade comprar uma barrinha de sabão demorava demais, passava até dois, três meses sem ir na cidade. (Domingas)

Nessa fala, para além da prática de produzir sabão caseiro, exemplifica-se a relação entre mulheres e trabalho doméstico (este estando sempre associado à figura feminina) que, de acordo com feminismos e estudos de gênero, é culturalmente construída e contribui para a naturalização dessas funções. Conforme esclarece Soraia Mello (2011), a naturalização do trabalho doméstico como função feminina se insere em um grupo de ideias a respeito de relações sociais e morais comumente identificadas como conservadoras, e que os feminismos relacionavam diretamente ao domínio patriarcal. O patriarcado por sua vez, pode ser visto aqui através da proposta do feminismo radical⁵ como um sistema de opressão do qual todo homem se beneficia de inúmeras maneiras, mesmo sem reconhecer ou participar intencionalmente desse sistema (BUCHOLTZ, 2014).

Percebe-se ainda na fala de Domingas que ela encara o ato de produzir o sabão caseiro como uma espécie de ciência que envolve certa energia para que se obtenha com sucesso o produto final, ou seja, a prática da qual estamos tratando vai muito além da mera ação de seguir os procedimentos listados em uma receita. Nesse contexto, a própria Domingas menciona uma série de processos que segue nos dias de fazer o sabão. A entrevistada conta que quando o sabão está pronto não o compartilha com qualquer pessoa e que, ao produzi-lo ela prefere estar sozinha já que o preparo pode ser facilmente prejudicado: “[...] porque tem muita gente que tem o olho ruim... chega você tá fazendo aí o trem talha tudinho igual leite [...] aí também você pode jogar fora, você não consegue consertar”. Aqui fica claro que além da mobilização de ingredientes e procedimentos, o ato de produzir o sabão caseiro envolve ainda uma série de superstições e crenças que, mesmo não possuindo cientificamente e influência comprovada sobre o produto, interferem na construção e na manutenção dessa prática social.

⁵O termo radical atribuído ao feminismo diz respeito não a seus objetivos, mas seus princípios fundadores; aqui radical não significa “extremo”, mas “raiz”. Para as feministas radicais, a causa básica da desigualdade social é a desigualdade de gênero, que se baseia na subordinação sistemática e estrutural dos homens às mulheres, ou patriarcado (BUCHOLTZ, 2014).

Apesar de optar por tornar o fazer do sabão caseiro uma atividade solitária, Domingas deixa claro ao longo de sua fala que não possui ressalvas em compartilhar receitas com outras pessoas que também se interessem em produzir o próprio sabão: *“Alguém que me pede receita eu dou, eu não quero só pra mim, eu ensino muita gente [...] eu não sou egoísta, eu não quero só pra mim, o que eu sei eu passo para os outros, se pedir eu passo”*. Tal atitude garante não só a manutenção dessa herança histórica e cultural como também a transmissão dos saberes a outras famílias e, conseqüentemente, a outras gerações. *“Na minha rua aqui quase todo mundo sabe fazer, uma vai passando pra outra, a outra vai passando pra outra, uma dá receita diferente pra outra, tem gente aqui que faz com água gelada, eu faço o meu tradicional mesmo porque já tô acostumada”*.

Na interação e na conversa que se estabelece entre essas mulheres ao trocar as receitas de sabão caseiro evidenciam-se ainda as habilidades interacionais especiais das mulheres, além do potencial existente nas interações que ocorrem entre elas. Como já fora exposto por Jennifer Coates (1996) na obra *Women Talk*, *“É o potencial radical das amizades das mulheres que as torna dignas de uma investigação minuciosa. Elas podem ser vistas como um modelo da maneira como as relações devem ser, da maneira como as relações podem ser no futuro”* (COATES, 1996, p. 286).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observa-se a relação benéfica de via de mão dupla que se estabelece entre Estudos de Discurso e Estudos Feministas, no sentido em que é de grande importância para a Análise de Discurso a implementação do rótulo feminista a estudos discursivos, assim como é relevante para o feminismo (entendido aqui como um conjunto de movimentos políticos, sociais, ideologias e filosofias) estudar criticamente o discurso sob um viés feminista. Isso ocorre porque o estudo discursivo crítico de viés feminista extrapola a análise de textos, preocupando-se também em agir como um instrumento de transformação da sociedade e das relações de poder que permeiam diferentes práticas sociais. Esse tipo de estudo analisa e critica os discursos que alimentam o sistema social patriarcal vigente, ao mesmo tempo em que enfraquece e diminui mulheres como grupo social.

Neste artigo, ao promover uma aplicação do compilado de teorias que entrelaçam Análise de Discurso Crítica e Estudos Feministas, buscamos compreender os diversos aspectos que permeiam a produção de sabão caseiro. Associando e relacionando passado e presente, percebemos que a tradição se mantém viva — representando uma transmissão de saberes e cultura de comunidades através de gerações — apesar de apresentar sinais visíveis do processo de modernização pelo qual inevitavelmente têm passado e, obviamente, continuará passando. Buscamos ainda compreender de que forma essa prática se associa às trajetórias de vida das mulheres que produzem sabão caseiro e trocam essas receitas entre si, com o intuito de compreender como isso pode representar ora uma

manutenção de tradições, ora uma forma de subordinação, ou ainda um modo de empoderamento e engajamento social.

Dessa forma, o que vimos desenvolvendo é um relevante primeiro passo na construção de um corpus textual composto por estudos discursivos críticos de perspectiva feminista em Língua Portuguesa, tanto para formação de corpo bibliográfico quanto para inspiração de futuros trabalhos desta mesma área de estudos.

REFERÊNCIAS

- BAXTER, Judith. Feminist post-structuralist discourse analysis: a new theoretical and methodological approach? In: HARRINGTON, K.; LITOSSELITI, L.; SAUNTON, H.; SUNDERLAND, J. (eds). *Gender and Language Research Methodologies*. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2008. p. 243-255.
- BOLÍVAR, Adriana. A change in focus: from texts in contexts to people in events. *Journal of Multicultural Discourses*, Londres, v. 5, n. 3, p.213-226, 2010.
- BUCHOLTZ, Mary. The Feminist Foundations of Language, Gender, and Sexuality Research. In: EHRLICH, Susan; MEYERHOFF, Miriam; HOLMES, Janet (Ed.). *The handbook of language, gender, and sexuality*. Nova Jersey: John Wiley & Sons, p. 23-47, 2014.
- CARRASCO, Cristina. Por uma economia não androcêntrica: debates e propostas a partir da economia feminista. In: SILVEIRA, Maria Lucia da; TITO, Neuza. *Trabalho doméstico e de cuidados*. Por outro paradigma de sustentabilidade da vida humana. São Paulo: SOF, p. 91-104, 2008.
- CHRISTIE, Christine. *Gender and Language: Towards a Feminist Pragmatics*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2000.
- COTTER, Colleen. Claiming a Piece of the Pie: How the Language of Recipes Defines Community. In: BOWER, Anne (ed.). *Recipes for reading: Community cookbooks, stories, histories*. Amherst: University of Massachusetts Press, p. 51-71, 1997.
- CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. *Revista Estudos Feministas*, v. 10, n. 1, p. 171, 2002.
- DE MELO, Iran F. Análise do Discurso e Análise de Discurso Crítica: Desdobramentos e Intersecções. *Letra Magna*, ano 5, n. 11, 2º semestre de 2009, p. 1-18.
- DE MELLO, Soraia C. Impresses feministas debatem o trabalho doméstico (1970-1990). In: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA, 7., 2010. *Anais eletrônicos*. Rio Grande do Sul: Alcar, 2011. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/8o-encontro-2011-1/artigos/Impresses%20feministas%20debatem%20o%20trabalho%20domestico.pdf/view> . Acesso em: 23 jun. 2019.
- FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

FEDERICI, Silvia. *O ponto zero da revolução*. Trabalho doméstico, reprodução e luta feminista (Tradução coletivo Sycorax). São Paulo: Editora Elefante, 2019.

FREITAS, Lucia Gonçalves de; MENDES, Isadora Costa. Abordagens feministas de análise de discurso: a formação de um campo. In: REIS, Marlene Barbosa de Freitas; LIMA, Sóstenes. (org.). *Pesquisas em educação e linguagem*. Anápolis: UEG, 2017, p. 415-422.

FOUCAULT, Michel. *A Arqueologia do Saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008 (título original: *L'Archéologie du Savoir*, 1969).

GONZALES, Lélia. Lélia fala de Lélia. *Revista Estudos Feministas*, n. 2, 2º semestre de 1994, p. 383-286. Disponível em: <http://www.ieg.ufsc.br/admin/downloads/artigos/30102009-034559lelia.pdf>.

KITZINGER, Celia. Doing Feminist Conversation Analysis. *Feminism & Psychology*, v. 10:2 p. 163–193, 2000.

LAZAR, Michelle M. Politicizing gender in discourse. In: LAZAR, Michelle (org.). *Feminist Critical Discourse Analysis: Gender, Power and Ideology in Discourse*. Basingstoke: Palgrave Macmillan, p. 1-28, 2005.

LAZAR, Michelle M. Feminist critical discourse analysis: Articulating a Feminist Discourse Praxis. *Critical Discourse Studies*, v. 4, n. 2, p. 141-164, 2007.

MEDINA, Cremilda de Araújo. *Entrevista: o diálogo possível*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1990.

MILLS, Sara. *Feminist stylistics* London: Routledge, 1995.

OLIVEIRA, Luciano A.; CARVALHO, Marco Antonio B. Fairclough. In: OLIVEIRA, Luciano A. *Estudos do discurso: perspectivas teóricas*. São Paulo: Parábola, 2013. p. 281-310.

RIBEIRO, Djamila. *O que é lugar de fala?* Belo Horizonte: Letramento Editora e Livraria LTDA, 2018.

WODAK, Ruth. Do que trata a ADC: um resumo de sua história, conceitos importantes e seus desenvolvimentos. *Linguagem em (Dis)curso*, Tubarão, v. 4, n. esp., p. 223-24.